LISBOA — SABADO, 15 DE OUTUBRO DE 1921 N.º 164

# Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diario

AFIRMAM-NOS que o actual director da Policia de Segurança do Estado não está contente com a sua situação que aceitou por espirito de sacrificio e cedendo a pedidos instantes. De facto, o sr. dr. Antonio da Costa Ferreira não possue, ou, pelo menos, nunca lhe reconhecemos os requisitos indispensaveis para bem desempenhar tão espinhoso encargo.

Há lugares que não podem servir para certas pessoas, assim como há pessoas que não servem para certos lugares. O sr. dr. Costa Ferreira, que, segundo nos dizem, vai abandonar a P. S. E., deixará ali gratas impressões da sua meteorica passagem. Os bons conseguem sempre vincar simpatias nos poucos corações que não se colocam a juros.

Para substituir o capitão sr. Costa Ferreira indigita-se o sr. Coelho Dias, secretario do sr. governador civil.

* * *

QUANDO da gerencia da pasta das Finanças pelo sr. Cunha Leal, muito se discutiu o aumento da circulação fiduciaria nessa altura feito, e, se não estamos em êrro, esse aumento justificou-se principalmente pela protecção ao comercio, através o Banco do Estado.

Tal aumento foi de bom exito, mas nessa altura provou-se que não era necessario voltar a novo alargamento da circulação; agora que, de vez em quando, se fala em que há necessidade de novos aumentos, a experiencia deve ser tomada em conta e não esquecer nunca que o credito do comercio é o credito do Paiz.

* * *

O SR. bispo de Angra, numa alocução dirigida a uns noivos, condenou a lei do divórcio, que é uma das basilares para a constituição de muitas familias. Foi prudente perante Deus, mas imprudente perante os homens. São estes, em geral, os maiores delitos daqueles que não têm o sentimento das realidades presentes e por isso se perdem, com os olhos numa justiça tão alta, que até os corvos lhe passam por baixo, grasnando, grasnando...

* * *

VAI ser nomeado governador civil de Leiria o sr. dr. Castro Lopes, delegado duma das varas de Lisboa, que naquela cidade já desempenhou as funções de delegado do procurador da Republica.

* * *

REUNEM na proxima quinta-feira as comissões paroquiais do P. L. Consta que resolverão depôr o seu mandato.

* * *

A FEBRE de construir casas levou alguns mestres de obras a fazê-las tão rápidamente que caem, antes de poderem ser habitadas.

Significa isto que a população de Lisboa tem de contar com mais um motivo de terror.

Dentro de pouco, até para se ser estupidamente burguez na cidade de Ulisses, será necessário mais coragem que para pelejar sob os muros de Ceuta.

# REGIME DA SUSPEIÇÃO

O autor sempre discutido do *Rouge et Noir*, referindo-se um dia á intervenção das multidões pouco esclarecidas, no governo, disse que a Europa ia entrar no regime da inveja. Não se enganou.

Com efeito, as democracias que se limitam a excitar os apetites dos humildes, provocam imediatamente neles uma ansia de comodidades que os leva a derrubarem todos os que constituam um estôrvo para as suas loucas ambições.

Portugal, escusado será dizê-lo, é um ilustrativo exemplo desta tendencia febril, alucinada. Entre nós, o principio da igualdade estabeleceu-se a martelo. Todos somos irmãos, desde que nos submetamos á tirania dos inferiores.

Quem pretenda elevar-se pelo estudo, pelo trabalho, pela sciencia ou pela arte, deixando um pouco no escuro os seus companheiros do carcere igualitario, atrae para si os odios vesgos dos troglodítas.

Já Unamuno, escrevendo sobre as republicas americanas, onde os generais algumas vezes talham os seus bastões nos cajados dos salteadores, afirmou que os principios generosos da Revolução não conseguiam lá conter o referver das paixões que geralmente eram brutais, luxuriosas, famintas de mando e violencia.

Nesse tempo, ainda Portugal não evolucionara para modelo de semelhante moralidade.

Se Unamuno escrevesse hoje, não deixaria de nos apontar como esverdinhados pelo mesmo virus que, em torno da cordilheira dos Andes, faz de cada povo um campo de osgas.

E' penoso constatá-lo, mas é assim.

Pode imaginar-se nada mais assombroso que a furia com que todos nós, apenas se organiza um governo, concorremos para o seu descredito, a sua mutilização rapida. Há, pelo visto, quem julgue que o Estado é qualquer coisa como uma quadrilha, uma associação de malfeitores, sendo, portanto, de toda a conveniencia activar o seu exterminio!

Ninguem quere, com uma pequena dose de simpatia, compreender as intenções dum ministro, pois é muito maior o prazer de o malsinar, fazendo-o cair, perante a maledicencia publica. Quem lhe discute imparcialmente os planos ou iniciativas? Os ingenuos, que já não são muitos. Quem lhe crimina as intenções, tratando de o apresentar aos olhos da turba ignara como um tubarão ou um padrinho complacente? Quasi toda a gente.

# NA PONTA DA LINGUA

*(Desenho de «Roberts»)*

— Tu sabes o que sucede aos meninos que fumam?
— Sei. São constantemente incomodados pelos velhos...

O SR. dr. Magalhães Lima parte ámanhã para Paris. Retira precisamente, quando a ideia da formação dum governo nacional busca ainda alicerces numa terra em que todos os subterraneos estão minados.

Dizem-nos que o sr. dr. Magalhães Lima se encontra bastante desiludido dos homens. E' natural que assim seja, visto que poucos compreenderam a nobreza das suas intenções. Imaginaram talvez que ele queria obrigá-los a salvar o paiz, com prejuizo dos seus interesses pessoaes... Enganaram-se. O que ele pretendia simplesmente era convencer-se de que a Republica sonhada por tantos, tinha algumas raizes impolutas em corações de patriotas.

* * *

EM PORTUGAL quasi sempre se mordam as normas de proceder pelo figurino estrangeiro.

Hoje o assunto mais discutido é a nossa defesa em materia cambial.

Em França, por exemplo, durante a guerra e mesmo no fim da guerra, os bancos e banqueiros estabeleciam, de acôrdo com o Banco de França, as garantias a dar aos contractos feitos fora do paiz.

Aqui, os contractos são quasi sempre feitos de arrogadilho, sem preparação de garantias. No fim de contas, somos maus imitadores e maus inventores.

* * *

AGORA falla-se já em novo escandalo — o do carvão. Não há maneira de governar um paiz que quere morrer de fome, mas com as guelas desimpedidas para dar a perceber ao orbe que mesmo na desgraça tem a grandeza do seu ridiculo.

* * *

O *SECULO* pregunta, inquieto: — «Vão parar os electricos?» — O importante não é saber se os electricos vão parar, mas sim o publico. Este, cujos interesses estão a ser defendidos corajosamente pela Camara Municipal, tem bastantes probabilidades de se educar, palmilhando as ruas da cidade. A liberdade sempre foi fecunda em lições uteis.

* * *

DEPOIS da troca de impressões entre o sr. ministro do Comercio e o sr. Lisboa de Lima, ácêrca da organização do Comissariado junto da exposição do Rio de Janeiro e da clara interpretação da lei que o creou, este ultimo vae provocar a reunião da Comissão, composta de delegados de várias colectividades importantes, nomeada a pedido do sr. Barros Queiroz, quando presidente do ministerio, a qual, por lei, deve assistir o comissário. Só depois é que o sr. Lisboa de Lima entrará no exercicio desafogado das suas funções.

* * *

REVISTAS recebidas:

«A B C zinho, publicação para crianças, que nela hão de encontrar histórias, bonecos e construções, que devem constituir um encanto para a sua fantasia, a desabrochar.

«Seara Nova», publicação para pessoas taludas, cheia de filosofia e altas intenções, que traz, nas suas páginas severas, a promessa dum mundo novo.

## CRONICA FINANCEIRA

# OS TRANSPORTES MARITIMOS DO ESTADO OU O TEMPO E O DINHEIRO PERDIDOS

## O ORÇAMENTO FRANCÊS PARA 1922 INSISTE NA ADOPÇÃO DA COMPRESSÃO DAS DESPESAS QUE OS NOSSOS HOMENS PUBLICOS TÊM A ORIGINALIDADE DE REPROVAR— CAMBIOS E BOLSA

Somos sempre assim. Gritamos, gritamos, e com isso nos contentamos. Esta questão dos T. M. E., apaixonou a opinião pública por diversas vezes, deu conflitos parlamentares, derrubou e aclamou governos, juntou e separou homens publicos, e por fim caiu no esquecimento, até que a voz dos crédores chamou por nós. Acordámos extremunhados, a preguntar muito admirados: *«Mas isso ainda não está resolvido? Julguei que esse caso estava arrumado!...»*

Devia estar arrumado, devia, há muito tempo, mas a triste, amarga verdade, é que, ao contrário, está muito desarrumado.

Conhece-se o que sucedeu nas regiões parlamentares: o governo de então apresentou um projecto; o sr. Velhinho Correia apresentou um contra-projecto que não foi bem recebido, e mais tarde, pela propaganda que o relator fez, nas camaras e na imprensa, veiu a ser *mutatis mutantis*, o projecto das comissões parlamentares.

O projecto Velhinho Correia assentava no salutar principio da entrega da frota a organismos particulares creados ou a crear, dada a provada incompetencia do Estado para a administrar e explorar.

A frota seria adjudicada por concurso publico, fixando-se o preço da tonelada navio para concurso num minimo de £ 30, e num máximo de £ 40.

O Estado teria uma representação no capital das emprezas a quem fosse adjudicada a frota, representação equivalente ao seu *apport*, ao valor total ou parcial dos navios, e regulavam-se as condições de exploração da frota, de modo a que bem servisse os interesses económicos do país e das colónias.

O Estado teria um bonus como cliente, uma participação nos lucros.

As emprezas arrendatárias obrigavam-se a reconstituir a frota, de fórma a entregá-la em estado aproveitável no termo do contracto.

As rendas desse contracto, e o produto da conta de participação serviriam para base de um empréstimo gratuito, que ficaria sendo caução para o Estado.

Para que não se tornasse num monopólio, o sr. Velhinho Correia batia-se pela divisão da frota.

E como já lá vae ano e meio, não era difícil prevêr o excesso de tonelagem que ia atacar o mundo, e todas as demais contingencias, bem previstas, que se avizinhavam, prometendo maus dias para a navegação mercante, prégando-se em Março de 1920 toda a urgencia na resolução de tão magno problema. O Estado não havia de querer que se fundassem emprezas para explorar a frota, que não tivessem as condições necessarias para vingar, e, muito menos, emprezas de que o Estado ia ser co-societário; por isso se insistia na urgencia da discussão e votação do projecto, para se entregarem os navios, quanto antes, para que as emprezas que os tomassem tivessem deante de si um periodo mais largo possivel—presumia-se então quatro anos para se dar o excesso de tonelagem—antes dessa penhor de tonelagem aparecer.

O sr. Velhinho Correia tinha a candida esperança de que o projecto se discutiria e votaria no Parlamento, nessa primavera de 1920.

Passaram-se dezoito mezes.

E emquanto esses dezoito mezes se passavam, os Transportes Maritimos iam fazendo mais dividas, envergonhando-nos cada vez mais no estrangeiro, multiplicando o prejuizo do Estado, directa e indirectamente.

Quando aqui há mezes, nesta crónica, relembrámos esse cáos e a urgencia de pôr um tampão áquela sangria de ouro, talvez nem todos os leitores nos dessem razão na ocasião.

Ahi tem agora o país o resultado a que se chegou, porque só quando se chega ao momento desesperado, nós, os portuguezes, nos decidimos a tomar resoluções.

Os prejuizos são aterradores.

Dêem um rápido balanço: 1.º—O que o Estado perdeu, expresso no *deficit* total da exploração da frota; 2.º—O que deixou de ganhar, expresso: *a*) No empréstimo gratuito, que haveria tido a sua influencia na balança cambial; *b*) Nos seus lucros de co-participante; *c*) Na venda que as emprezas pagariam; *d*) Na economia que faria para a conservação da frota, toda a cargo das emprezas, obrigadas por condições preceituadas no diploma contractual á rigorosa reconstituição; *e*) A' economia das muitas dezenas de milhares de libras esterlinas que o Estado tem pago e tem de pagar, se quizer saldar honradamente as dividas destes filhos pródigos; *f*) O prejuizo que o Estado teve imediatamente no agravamento cambial em que por força havia de pezar essas continuas drenagens para saldar os débitos dos T. M. E., feitos nos portos estrangeiros; *g*) O prejuizo moral das scenas tristes que os T. M. E. têm feito nos portos da Europa e da America, ameaçados de penhoras, algumas efectuadas; *h*) O prejuizo da não creação a tempo e horas, de um organismo ou organismos que neste meio tempo teriam trabalhado e canalizado o frete para a nossa frota, nos portos próprios, e que não fugiria da nossa tonelagem desde que o carregador não se arreceasse dos derrames totaes dos cascos embarcados nos T. M., como sucedia.

Hoje é muito tarde.

A paralização do comercio internacional provoca, apezar da baixa dos fretes, uma crise gravissima para a navegação mercante, simultaneamente arruinada pelas exigencias crescentes e incomportaveis das tripulações.

Há ano e meio não era cedo, mas não se haviam ainda transposto estes quatro pontos culminantes da crise da navegação:

1.º Excesso de tonelagem, portanto concorrencia dos que já têm mais resistencia comercial;

2.º Baixa de frete — menor rendimento bruto;

3.º Crise do frete;

4.º Exigencias incomportaveis das tripulações.

Ainda não se viam velhas empresas de navegação a amarrar os seus barcos, por não ser possivel a exploração, inevitavelmente deficitaria, elas que não têm como os T. M. E. o Estado para lhes pagar esse «deficit».

Já ninguem salva o Estado do tremendo e multiplo prejuizo que foi esta exploração dos T. M. E.

Mas mesmo que o Estado não possa vir a fazer, neste tardio momento, um negocio tão feliz como o faria há um, há dois anos, há um lucro que o Estado tem certo: cessar a exploração directa da frota.

Basta de prejuizos. Fechar a porta, mesmo antes de ter quem lhe pegue, é já um grande lucro, material e moral.

A experiencia foi demasiadamente longa e ruinosa.

Triste conclusão o paiz tem a tirar deste ramo da riqueza nacional: sem aqueles navios, o paiz não seria tão rico, mas não tinha perdido tanto dinheiro.

E' o caso de se exclamar, como o nosso povo: «Sume-te ganho que me dás perca!»

* * *

O orçamento francês para 1922 apresenta um «deficit» de 2 milhares e meio.

O ministro das Finanças reputava impossivel encontrar mais despesas comprimiveis.

A comissão de finanças julga realizaveis economias superiores ás que o sr. Doumer encontrou. O ministro escreveu uma carta á respectiva comissão parlamentar, de que se destaca este paragrafo:

**«Antes de pedir ao país recursos suplementares, a comissão de finanças crê que é preciso tentar um novo esforço de compressão de despesas. Com a comissão hoje, com a propria Camara dos Deputados ámanhã, farei todo o possivel para conseguir isso. Os ministros, chefes das diversas administrações, empenhar-se-hão nisso, tenho a certeza, na medida do possivel.**

E, com toda a cordealidade, o ministro entende «continuar a trabalhar para o fim comum da restauração das finanças publicas, de que o equilibrio orçamental é a base essencial.

Eis não uma opinião, mas a realização da doutrina da época, que só os homens publicos portugueses parece terem a originalidade de partilhar.

S. Ex.ª, o actual ministro das Finanças, que não aprova a compressão das despesas, pode informar-se do criterio das resoluções da comissão de finanças do parlamento francês, que, tendo em tempo anunciado ao respectivo ministro não admitir «deficit» orçamental nem orçamentos suplementares, tão severamente se impõe.

O acessivel «Temps», manual dos nossos politicos, pô-lo-há ao corrente, facilmente, sem necessidade de mais perda do precioso tempo de S. Ex.ª.

* * *

Já que estamos em maré bibliografica, vem a pêlo informar que quem queira ler um resumo popular da restauração das finanças francesas, sob Napoleão I, não tem mais do que ler «L'Information» (edição da noite), de 5 de outubro corrente.

* * *

A semana cambial ficou assim expressa:

| DIAS | Libras cheque | |
|---|---|---|
| | Comprador | Vendedor |
| 10..... | 38$78 | 39$58 |
| 11..... | 39$58 | 40$42 |
| 12..... | 39$58 | 40$42 |
| 13..... | 39$18 | 40$00 |
| 14..... | 38$40 | 39$18 |

A Bolsa denotou uma tendencia firme e animada, explicavel pelo regresso das praças e termas e pela situação cambial não ser de molde a operações que derivam actualmente para os titulos.

Dentre os que tiveram maiores oscilações, contar-se nesta semana o *Externo*, devido, naturalmente, á pouca estabilidade cambial.

No *ramo bancario*: boa impressão da praça perante os valores bancarios, fazendo-se operações principalmente sobre o *Comercial* e *Açores*.

*Colonais*: Muitas transacções em papeis de credito colonial, especialmente *Ilha do Principe*, *Boror* e *Buzi*.

* * *

Parece estar assegurado o fornecimento de carvão para os T. M. E.

Se essa frota nasceu para nos arruinar e o sr. ministro do Comercio resolver continuar a exploração, ao menos que se nos poupe a vergonha das dividas no estrangeiro, seguidas do aprezamento dos barcos, pagando o Estado directamente o fornecimento do combustivel.

* * *

Ouve-se falar em diversas operações financeiras. A não ser os creditos para fornecimentos de carvão, de nada mais sabemos, nem nada conhecemos que se pareça com operações financeiras.

* * *

Com viva satisfação notámos que os mercados brasileiros começam a animar.


# COLEGIO CALIPOLENSE

**Rua Eduardo Coelho, 108 — Lisboa (á Praça do Rio de Janeiro) Telefone C. 4:199**

Este antigo colegio recebe alunos internos, semi-internos e externos, a partir dos 6 anos de idade, aos quais dá uma completa e esmerada educação infantil. Ministra ***Instrução Primaria, Curso Comercial*** completo, ***Curso dos Liceus,*** conforme os programas oficiais, e ***Curso de Explicações*** para os alunos matriculados no liceu. Todas as aulas reabrem no dia 10 de outubro.

O director e proprietario

***FERNANDES AGUDO.***

# Fonsecas, Santos & Vianna

## BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

***Rua do Comercio, 116 a 132***

**Telegramas: SANVISE-LISBOA**


**Lêr hoje:**

## 1.º numero da "SEARA NOVA"

Colaboração de Raul Brandão, Raul Proença, Faria de Vasconcelos, Augusto Casimiro, Ezequiel de Campos, Sant'Iago Presado, Francisco Antonio Corrêa, Camara Reis, etc.

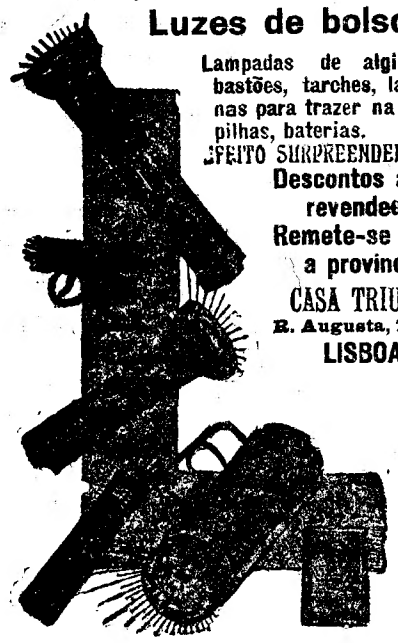
Literatura, Politica Interna, O Problema Português, No Pelourinho, Poesia, Problemas Economicos, A Educação Contemporanea, Uma Carta de Antero, Literatura Portuguesa no Estrangeiro, Funcionalismo, Idéas, Factos e Documentos, Teatros, As Novas Edições, etc.

A' venda nas ruas, nas livrarias, tabacarias, kiosques, teatros e cinemas, tanto em Lisboa como no resto do país.

**Preço 50 centavos**

*A «Seara Nova» confiou o exclusivo da sua publicidade á* **Empreza Latino-Americana** *e só aceita anuncios compativeis com a sua orientação moral, politica e financeira.*

HOJE e todas as noites ás 21,15 em ponto
O grande, o inconfundivel sucesso teatral do
APOLO
GATO POR LEBRE

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

ELECTRICIDADE--MAQUINAS
Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.

ESCOLA NACIONAL
PALACIO DA ANUNCIADA
(A' AVENIDA DA LIBERDADE)
Telefone, C 1749 — LISBOA
Direcção ARTUR TAMAGNINI BARBOSA
JOSÉ VICENTE DE FREITAS
REABERTURA A 10 DE OUTUBRO
Esta Escola, uma das mais antigas do país, ministra aos seus alunos internos, semi-internos e externos, instrução primaria, curso completo dos liceus e CURSO COMERCIAL diurno e nocturno.
Esmerada educação fisica e moral.
Optimo tratamento.
Resultados dos exames do ano lectivo findo:
Alunos propostos para exame..... 319
Alunos aprovados..... 302
resultados estes que por si só recomendam este estabelecimento de ensino.

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

TEATRO DO GIMNASIO
Companhia ALVES DA CUNHA
HOJE — ULTIMAS REPRESENTAÇÕES da interessantissima peça
A LABAREDA
Magistral creação de
ALVES DA CUNHA
Esplendido conjunto de desempenho em que tambem toma parte
BERTA DE BIVAR
NA PROXIMA SEMANA
O CELEBRE PINA
Reaparição de FLORA DYSON
BREVEMENTE
1.ª recita d'assinatura com a nova peça tradução de JOÃO SOLER
MARIDOS ENCRAVADOS
Continúa ainda aberta a assinatura para 6 RECITAS com peças diferentes.

## DEAMBULAÇÕES

# Do Tojal ao Avelar

De noite, guisalhando ou descantando, ouvimos passar, rumorosos, alguns carros para a romaria. Não tantos, como é costume, garantem os do sitio, devido á grande falta de transportes e alimarias.

Manhã clara, apetitosa, saimos do Tojal, com o farnel e o bom-humor que sempre dá uma perspectiva de festa. «Para onde vais, Maria?»

O caminho, todo novo para mim, corre entre olivedos rasos e cabeços arborizados, convidativo e prometedor, quasi sempre a subir, desde o Gorgolão, onde vamos buscar dois companheiros, até aos Cabaços, longa fita de casas, muitas delas abastadas, e onde, na farmácia, havia mesinhas e arredonda pilulas a protagonista dum recente caso de amor.

Manifesto curiosidade de a ver e descemos.

* * *

A aventura, bastante singular, veiu nos jornais. Isso me absolverá de indiscreto.

Talvez o leitor se recorde! Uma apaixonada que, palpitando infidelidade no conversado, se disfarçou com trajos masculinos e o foi esperar de noite, quando ele recolhia, tentando descarregar-lhe uma cacetada.

Surpreendido com a agressão e não suspeitando de que o homem que o atacava era uma mulher — e a mulher requestada! — o alvejado dispara a pistola, afugentando a suspeitosa, que, ferida, mas pretendendo ocultar o seu segredo, teve a fôrça de voltar ás escondidas para casa e deitar-se, como se nada se houvesse passado, feliz talvez por sofrer á custa do seu amor.

O ferimento era de certa importancia. Não bastou, para o cicatrizar, o silencio angustiado dessa noite dolorosa, em que o amor, o amor que tudo pode e tudo faz, velou á sua cabeceira de agitada.

Na manhã seguinte, a corajosa namorada, tendo vertido sangue e lagrimas, via-se compelida a revelar á mãe o seu estado: o que equivaleu, como é de presumir, á divulgação estrondosa do escandalo.

Ignoro como as coisas se passaram depois. Pouco trágicamente, sem duvida, porque, já refeita, pelo menos aparentemente, encontrei a heroina muito calma, a atender um freguês.

Meã de estatura, sobre o forte, cabelos escuros, lábios vulcanicos, fresca, rosada, agradavel, arvora, nos olhos quentes, na voluntariedade do sorriso e na firmeza da mascara, em que a testa se afirma decidida, um cunho entre sensual e arrogante de amorosa.

Bem portuguesa nas feições, no todo e, como o demonstrou, no ciume, saudo-a com o respeito devido a uma viva figura de novela, e auguro bem do destino ter colocado no percurso de mais esta minha romaria o seu perfil romantico.

* * *

Até ao Barqueiro, pela Pombaria, é a descer.

As mulinhas do Tojal, longinquamente cruzadas de zebra no aspecto e no feitio arisco, trotam ligeiras, apesar de estranharem a estrada, onde nunca vieram.

Do Barqueiro ao Pontão, entroncamento da estrada que leva a Pombal, e do Pontão ao Avelar, o scenario é delicioso.

Entrámos no antigo concelho das Cinco Vilas: Chão do Couce, Avelar, Maçãs de D. Maria, Pousa-Flores, a das lindas cachopas, e Ajuda.

A terra, variada e fertil, sorri. Há campos formosos, com montanhas ao fundo.

Encantador, o vale tenro de Almofala atrae e deleita.

Amiudam-se as carroças e os ranchos de romeiros.

Numa carripana, guiada por uma graciosa rapariguinha de olhos recatados, vão quatro ou cinco mulheres. Os homens respectivos, esses, seguem a pé.

Como é novamente a subir e os carros vão a passo, metemos conversa com eles.

Um quarentão, de boa presença, barbeado de fresco, prazenteiro, de camisa muito alva e sem gravata, descobre, em resposta a um nosso comentario, esta estapafurdia razão para que as mulheres venham de carroça e eles á pata:

— E' que elas nunca têm certas precisões pelo caminho. O senhor já viu alguma mulher ter de se apear em jornada!

Foi um pouco mais frisante o castiço termo que o homensinho empregou para se referir á liquida frequencia de certas nossas necessidades, mas aqui fica a sua original explicação da rustica galanteria, que, desencadeando grossa gargalhada e picarescas sentenças, pôz corada como uma cereja a palida cocheirinha timida.

* * *

Estamos perto do arraial.

Para alguem, calhado em festanças populares, a visinhança de uma romaria, mesmo independentemente dos indicios que anunciam, parece que se sente no ar e até na propria paisagem.

A terra associa-se ao tripudio da sua gente.

A folgança colectiva, o prazer aglomerado, o gregario delirio, desprendem efluvios fecundos em meia legua ao redor.

Há o bafo da festa, como há, ao aproximarmo-nos inconscientemente dum local de catastrofe, o bafo da dôr.

Dir-se-ia que uma corrente alegre electrisantemente nos percorre, quando, deixando a estrada, metemos ao ramal que leva ao nosso rumo.

A' margem do caminho, junto das primeiras casas, cachopas vestidas de gala, sentadas em madeiros, sobre pedregulhos, ou arrimadas ás paredes, dão-se, como ultimo toque de garridice, ao apuro de calçar as meias e os sapatos, que pouparam até ali.

Com gestos escrupulosos e artimanhas ocultadoras, fazem por perservar as pernas das vistas indiscretas.

O trajo festivo aumenta-lhes a vergonha, como luxo domingueiro, levando-as a recear mostrar calçados os artelhos, que não se importam de descobrir nus em dias de trabalho.

Subimos a rua declivosa, onde, porta sim, porta não, há tascas regorgitantes. Manduca-se e emborca-se com grande falatorio.

Pelas travessas e recantos, repousam carroças despejadas e carros de bois armados com bancadas, toldos e enfeites.

Estoiram morteiros.

Chegados em plena festa, damos de cara com a filarmonica, que vem, ressoprando, buscar as fogaceiras.

Donde a onde, um pobre horrendo esmola em grita agoniante, quasi espesinhado pelo gentio, que engrossa mais e mais, e lá no alto, na praça da igreja, é multidão: a multidão gozosa, tumultuaria, sarapintalgada, cantadeira e bailona de toda a grande romaria.

Eis-nos na Senhora da Guia, do Avelar, a sete leguas de Tomar, no distrito de Leiria.

Abolida a de Pombal, e menos celebre a de Abiul, a Senhora da Guia é hoje a mais concorrida e importante das festas do forno, como para a semana contarei.

MANOEL DE SOUSA PINTO

Collares
Bucaras
VINHOS DE TIPO INALTERAVEL
SUCURSAL EM LISBOA: RUA NOVA DA TRINDADE, 126 A 132
COLLARES - ALMOCAGEME PORTUGAL

EMPREZA HENRIQUE BARREIROS, LIMITADA
EDEN TEATRO
Companhia
Nascimento Fernandes
BREVEMENTE
PAU DE DOIS BICOS
REVISTA POR SESSÕES

Neves & Cruz
Importadores e Exportadores directos
SÉDE
Rua Ivens, 53
CONSERVAS E VINHOS
Filial em Anvers
RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º
Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela
(Produtos africanistas)

TRATAMENTO da TUBERCULOSE
Do Prof. WILSENGOLD
BRUXELLAS
LITHANE
DEPOSITARIOS
ALVARO CAMPOS, LIMITADA
103 Rua Garrett

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

TEATRO AVENIDA
15
Representações da opereta
FLORES DA NOITE
15
ENCHENTES!

# A CIDADE

## CHÁ DAS CINCO

### Por dar vivas

*Os jornais, nas suas noticias-chapa, disseram ontem que um qualquer organismo policial, havia detido tres mancebos que, em plena praça publica levaram essa liberdade de manifestação de crenças que dizem ser apanagio de uma democracia, ao extremo inacreditavel de berrar em familia uns quaisquer vivas que, por sintetizarem doutrina ainda no dominio das hipoteses, cousa alguma poderiam prejudicar e, muito menos, um Estado em cujos servidores é bem visivel o dessoramento de convicções... Ignoro, neste quarto de hora que estou a utilizar na escrita destas considerações, se os inculpados de tão serio delito, ainda recebem no momento que corre, a indesejavel hospitalidade de carceres bem dignos da nossa civilização cafreal. Certo é, porem, que bastante extranhesa causa que o Estado, por intermedio dos portadores da sua autoridade, desça ao ponto de se preocupar com uma ligeirissima manifestação de discordancia que, verdade seja, nem hostilidade palpavel chega a ser. Para admitar é o caso, mas a realidade dele impõe-se, arrastando o curto cortejo de recordações a que um cerebro de vinte anos póde dar abrigo, gravadas ao de leve nessa era já arredia da ditadura franquista e, mais tarde, atiçadas ao fogo vivo da prosa demolidora de Fialho.*

*Vem tudo á baila: os comicios, esses comicios semi-monstros em que se rouquejaram os maiores improperios contra os poderes constituidos; as ameaças á gente que galanteava nas Necessidades e, finalmente, os vivas que, com antecedencia larga, saudaram esta Republica em cuja consumação o proprietario do* Caliça *e os fabricantes do liquido que constitue a base de todas as manifestações de jacobinismo tavernesco, tiveram uma colaboração bem saporosa... Garantia-se nessa altura, ai por 1908, que a liberdade desaparecera desta terra pouco afeita ás tiranias. A realidade, a verdade que a nossa consciencia manda proclamar, é que bem mais circunscrita é, agora, a área do á vontade publico. E prontos estamos a apresentar como fieis testemunhadores destas palavras que gostariamos não ter de escrever, os tres pobres diabos que por soltarem quatro berros, contra vontade tiveram ensejo de travar conhecimento de certo modo intimo, com esse pouco higienico edificio que se chama Governo Civil... Faz saudades, acreditem, e facto é que não o vivemos a valer, aquele primeiro decenio do seculo presente, em que até ao Fialho dos* Gatos *e da* Cidade *do vicio, se dava liberdade de criticar a pessoa do soberano, ao ponto de o acusar de haver recebido da Natureza, em pouco gentil e irrecusavel oferta, um par de nalgas de dimensões de certo modo exageradas...*

**L. Consiglieri Sá Pereira.**

## A tragedia de Campo de Ourique

### Mais uma vitima — O reconhecimento dos cadaveres

Os feridos da derrocada do predio da rua Correia Teles encontram-se em tratamento no hospital de S. José, sendo o seu estado satisfatorio. Hoje os bombeiros continuaram na remoção dos escombros, encontrando-se mais um cadaver.

Os mortos entrados ontem na morgue foram todos reconhecidos. São eles: José Victor, pedreiro; João Alves, carpinteiro, e Simão de Matos. As autopsias dos cadaveres realizam-se na segunda-feira.

Os escombros do predio continuam guardados pela policia, procedendo-se ainda á remoção do entulho. Ao que parece, entre os escombros deve haver ainda outro cadaver, que será o quinto.

Até á hora a que escrevemos ainda a policia de investigação não procedeu a qualquer diligencia para proceder contra os proprietarios do predio, em consequencia de não ter ainda aparecido na policia de investigação qualquer queixa nesse sentido.

### O ministro da guerra vai na segunda-feira a Alter do Chão

O sr. ministro da guerra, acompanhado dos seus ajudantes, vai na segunda-feira a Alter do Chão, visitar a Coudelaria Militar.

## Pessoal dos correios e telegrafos

O sr. ministro do comercio não recebeu, esta manhã, como se noticiou, a Comissão Pró-aumento de vencimentos, delegada da Associação de Classe dos Correios e Telegrafos. Como se encontrava reunido o conselho de ministros no ministerio do interior, foi marcada nova audiencia para as 18 horas.

UM NOME GLORIOSO DO PASSADO E DO PRESENTE

## QUARENTA E CINCO ANOS DE VIDA DE TEATRO

O menino prodigio — As primeiras palavras — 150 operetas e trinta anos no Porto — Uma representação no Teatro Academico de Coimbra e outra no Rio de Janeiro — Uma anecdota — Teatro antigo e teatro moderno — Os artistas novos que marcam — Os chefes de Estado e o teatro

### O "Diario de Lisboa" entrevista o ilustre actor José Ricardo

Um monoculo caiu, fulgurou uma joia, ondeia um fumo de charuto. Era José Ricardo que, com a sua *morgue* de *grand seigneur* se ergue, cumprimenta e tem o primeiro sorriso. O seu rosto, cansado de mil mascaras de teatro, onde as rugas se vincam pertinazes e onde uns olhos verdes reflectem uma juventude de espirito, sempre em primavera, readquire uma graça que se comunica e que se presta a um interrogatorio longo. José Ricardo é um conversador, um album de teatro, um album que tem quarenta e cinco anos de anedotas, de triunfos, com datas em todas as paginas.

No nosso á vontade caracteristico, fomos dizendo ao actor que não se julgasse em presença de um jornalista, mas sim, frente a frente, com um conversador.

—Qualquer coisa, para começar. Preguntas directas, para quê? Que falasse, sim...

—Não! Diga...

José Ricardo está no seu camarim, sentado numa cadeira balaustrada em que ele se apoia a miudo, estilizando atitudes. Agora mesmo tem uma pose de tela columbanesca, que o casaco negro, a *morgue* de *grand seigneur*, o rosto doirado, e por detraz, aquele fundo de cortina de *reps* velho, acentua num todo artistico.

—Fui eu o primeiro actor dos vivos que pisei o palco do Nacional... Era o D. Maria. Antes de Brasão e dos Rosas, já eu por aqui andava metido na caixa do ponto e brincando nos corredores.

—Ha quantos anos?

—Tenho quarenta e cinco de teatro e alguns de menino prodigio...

—Ha sempre uma vocação contrariada.

—A mim, tambem me contrariaram. O meu pai não queria, não!... Se eu quasi nasci no teatro! A minha mãe estava aqui assistindo ao espectaculo quando se sentiu incomodada... Duas horas depois, nasci eu.

Um actor é como uma mulher: nunca se lhe deve preguntar a idade. Se eles dizem... Mas nunca o dizem, acreditem.

—Em 1869, tinha eu nove anos, fiz o primeiro papel.

—Recorda-se?

—Recordo-me de tudo, de todas as datas. Era a *Morgadinha de Val-Flôr*, tinha que pronunciar esta frase: «Aí vem o estrondo e mais os mordomos»! Apanhei as primeiras palmas. Aos dez anos fiz a *Mulher que deita cartas*, tambem no D. Maria...

—Gente desse tempo...

—Oh! a gente desse tempo! Estavam aqui as grandes figuras: Santos Pitorra, Emilia das Neves, a nossa grande tragica, Tasso, os Rosas, outros ainda... Então, sim, aprendia-se. Os que principiavam, nunca se diziam actores; discipulos, sim, discipulos do D. Maria. Nos bastidores, passavam todo o seu tempo a ver representar... E principiavam por baixo, por rabulas, por pequenos papeis de teatro.

E a disciplina!

E José Ricardo, puxando o seu charuto, um pouco inclinado para traz na cadeira; os brilhos das joias a brincarem nos dedos e os olhos inclinados para o passado, a viverem.

— Preguntou-me pelos meus mestres, não? Santos Pitorra, Cezar Pola, e Rente, do Gimnasio. Se lhe contasse toda a minha vida de teatro, demoraria horas, muitas horas... O menino prodigio andava no liceu e acabou o curso. O teatro chamava-o. Assinei então o primeiro contracto; tinha desasseis anos. Como actor, ajudante de ponto e utilidade de teatro, ganhava vinte e cinco mil reis.

— Seguiu logo óvante?

— Mas não, não. O menino prodigio, que já tinha feito *A Patria*, de Sardou, começou por baixo, muito por baixo. Fui o criado de mesa, o que vem anunciar que o sr. general, chegou.

José Ricardo anima-se. E' ele quem fala agora, sempre, sem uma nevoa de esquecimento, a agitar o passado, com a sua palavra recortada de *bon diseur*.

— Depois fui para o Porto, onde estive vinte e dois anos a fazer opereta...

— Não vinha a Lisboa?

— Por vezes, de relampago apenas.

— Recorda-se das operetas?

— Oh! se me recordo! Fiz cento e cincoenta operetas em 30 anos. Um dia abandonei o genero, mas voltei, nostalgico...

—De que gosta mais?

—Dos *Sinos de Corneville* e da *Mancheia de Rosas*.

O actor recorda então:

—Em publico só tremi duas vezes. Uma foi no teatro Academico, em Coimbra. Ali só os estudantes e as companhias de declamação do D. Maria representavam.

José Ricardo anima-se extraordinariamente, gesticula; a sua mão direita vive, arrebata, faz do passado presente. Ao contar-nos a sua entrada em scena, no teatro Academico, e depois aquele mar de capas negras, todos os rostos severos, numa compostura silenciosa, que lhe arrefecia a espinha, os nossos olhos quasi que se marejam de lagrimas.

—Imagine uma sala, toda negra, muito negra. Se eu agradasse, seria uma ovação fantastica, uma noite de triunfo glorioso; se, pelo contrario, decaísse, nem uma palma, nem uma pateada, nem um murmurio, e o pano, lentamente, lentamente desceria. Tremi... Tremi... Tremi muito. O Ferreira da Silva pertencia ao grupo dramatico academico. Já ele me dizia então: qualquer dia sou teu colega...

—E o espectaculo? pedimos ansiosos.

—Era a primeira companhia de opereta que ali entrava... Eu não sei bem como aquilo foi. Mas de repente os estudantes, em peso, levantam-se, atiram para a scena as capas, galgam a orquestra, agarram em mim e conduzem-me em triunfo... Se soubesse quanto tremi!

—E a outra noite?

—Foi no Rio. A minha companhia estreou-se com o *Testamento da velha*. Sucesso. Depois, o empresario, de volta comigo para eu representar os *Sinos de Corneville*. Não queria. Nesse tempo, perpassava no Rio a recordação dum grande actor que tinha feito —diziam — maravilhosamente o papel que eu representara em Portugal.

José Ricardo viveu naquele instante a recordação longinqua.

Os seus olhos verdes scintilaram como esmeraldas; a mão fechara-se nervosa, e com grande energia, a marcar a frase, disse:

—Nos cafés, nas redacções dos jornais, todos criticavam a minha veleidade. Eu não queria representar os *Sinos de Corneville*. O rumor que corria tornava-me apreensivo. E o empresario a insistir, a insistir sempre. Pois bem! Anuncia-se a opereta. O teatro encheu-se. Lá ao fundo, no «bar», em cima das mesas, gente em tropel. Primeiro acto, uma saraivada de palmas fortes. O meu camarim deitava para o corredor do teatro. Ouvia o publico dizer: «agora, no segundo acto, vai estender...

*(Ver a continuação na 8.ª página)*

## Notas Mundanas

### No Estoril

A «matinée» infantil de quinta-feira foi mais uma festa elegante nas termas do Estoril. Durante a tarde, centenas de crianças dansaram, emquanto numerosas pessoas da nossa primeira sociedade tomavam o seu chá.

A's gentis crianças foram distribuidos lindos brinquedos, tendo a interessante festa terminado com um «cotillon» marcado pelas meninas Maria Rita Pombal e Maria Seabra de Castro e pelos meninos Antonio Lencastre e Rui Correia Leite.

Entre a elegante assistencia notámos a seguintes senhoras:

D. Alice Ferreira Pinto Basto, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Maria Rita Correia de Sampaio Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Augusta de Forjaz Trigueiros, D. Maria Luiza Lobo de Avila Ferreira Monteiro, D. Rita de Sommer Pereira, D. Maria da Cunha Viana, D. Amelia Mateus dos Santos e neta, D. Berta de Sommer Viana, D. Margarida Chaves, D. Emilia Pimentel, D. Julieta Holtremann Roquete Ricciardi, D. Maria Amelia Burnay de Macedo de Sande e Castro, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Hortense Holtremann Roquete Casanovas, D. Antonia de Saldanha Marrecas Franco, D. Sofia Covachichi de Lima, D. Ana da Camara de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Amelia Ribeiro da Costa Barbosa, madame Ressano Garcia Anahory, D. Maria da Gloria Gomes, D. Teresa Teles da Silva Gonçalves (Tarouca), D. Maria Mousinho de Albuquerque de Ataide, madame Catarino, D. Helena de Carvalho, D. Julia de Ferreira Lima Soares Andrea de Freitas, D. Aline e D. Berta Cunha, D. Maria Fernanda de Carvalho, mesdemoiselles Pinto Coelho, etc., etc.

—Hoje realiza-se o baile «rouge», a que está destinado um novo exito, sendo servidas durante a noite ceias pela Garrett.

### Em Cascais

*Festas de Caridade*

No parque dos ilustres senhores duques de Palmela realiza-se ámanhã de tarde o ultimo festival de caridade.

Durante a tarde funcionarão todas as barracas de rifas, toubola, tiro ao alvo, bilhar, etc. e será servido um elegante chá pelas senhoras da comissão organizadora.

Os preço de entrada são 1$000 para adultos e 500 para crianças.

### Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a senhora viscondessa de Riba Tamega. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

### Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Fanny Davidson Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria Helena Camolino de Vasconcelos, D. Emilia Croner Celestino da Costa, D. Helena de Azevedo Moreira, D. Maria Carlota e Azevedo, D. Maria Tito de Carvalho, D. Maria Guedes Simões e D. Deolinda Baptista de Oliveira,

E os srs.

Visconde de Pereira Machado, Adriano Martinho de Paiva Leite Pereira de Faria Tavora e Cernache (Campo Belo), Frederico de Magalhães e Menezes Vilar, Francisco Moreir Benjamim Buzaglo, Joaquim Perestrelo e Vasconcelos e José Bressane Leite Perry de Sousa Gomes.

### Casamentos

Pelo sr. Jaime Alfredo Correia Menees e sua esposa foi pedida em casamento para seu filho Jaime Raul a sr.ª D. Maria Pálmira Ribeiro de Sousa Vieira, gentil filha da sr.ª D. Maria Ribeiro de Sousa Vieira e do sr. Jaime de Sousa Vieira.

### Em viagem

Com sua familia, regressa no fim do mês de Cascais o sr. Anibal Gomes Contreiras.

—Com sua gentil filha regressou das Caldas da Rainha a sr.ª D. Josefina de Aboim Waza de Andrade.

—Partiu para Riachos o sr. dr. Lourenço Rivotti.

—Regressou novamente á Figueira da Foz o sr. conde de Felgueiras.

—Acompanhado de sua esposa e de sua gentil sobrinha, regressou do estrangeiro o sr. Jacob Abecassis.

—A bordo do «Gelria» partiram para o Rio de Janeiro o sr. dr. Ricardo Jorge, José de Azevedo Castelo Branco e João Ortigão Ramos.

—Regressa na segunda-feira de Cascais, com sua esposa e filhos, o sr. Raul de Mendonça.

—Regressam a Cintra os srs. viscondes de Asseca.

### Vai ser modificado o preço do leite?

No seu regresso do norte, para onde parte na segunda-feira em visita aos estabelecimentos dependentes da sua secretaria, o sr. ministro da agricultura ocupar-se-ha do abuso praticado pelos proprietarios de leitarias, que aumentaram o preço do leite sem autorização superior.

## Instituto Superior de Comercio de Lisboa

A' sessão do Conselho Escolar, realizada em 14 do corrente, foi presente um requerimento do professor sr. Marrecas Ferreira, pedindo a sua jubilação.

O Conselho prestou ao ilustre professor a justa homenagem a que lhe dá direito a sua larga folha de serviços ao Instituto, resolvendo reunir em volume os seus trabalhos dispersos por varias publicações. Todos os professores presentes abraçaram comovidamente o velho camarada, que vai deixar os serviços do Instituto por ter atingido o limite de idade.

—E' na proxima segunda-feira que começam a funcionar as aulas no Instituto Superior de Comercio.

# A CIDADE

## O CONGRESSO DE PARIS

## O PROFESSOR VIANA DA MOTA CONFIA AO "DIARIO DE LISBOA" AS SUAS IMPRESSÕES

### Os cantos populares portugueses não são conhecidos lá fóra por um desleixo nacional

**Virá a Lisboa ainda este ano o primeiro violinista do mundo?**

Reuniu em Paris o Congresso Internacional de História da Arte, onde estiveram representados quási todos os paizes do mundo, com excepção da Alemanha, Austria, Polónia e de outras pequenas potencias que em assuntos de arte marcam a sua politica de isolamento. Portugal—póde afirmar-se com desvanecido orgulho—mandou ao Congresso de Paris uma representação que fez honra ao bom nome artistico do nosso paiz. Já o *Diario de Lisboa* publicou as primeiras impressões que o ilustre director do Muzeu Grão Vasco teve a amabilidade de escrever expressamente para o nosso jornal. Os representantes de Portugal, que deram ao Congresso a sua quota-parte de inteligencia e de trabalho, colheram durante a sua estada em Paris as impressões mais agradaveis, tendo sido tratados com uma gentileza penhorante por todos os delegados e congressistas.

O professor Viana da Mota, que ha pouco regressou da sua viagem a Paris, contou rápidamente ao *Diário de Lisboa* o que foi o Congresso Internacional de História da Arte, em que o ilustre director do nosso Conservatório Nacional de Musica fez uma comunicação interessantissima, que mereceu do Congresso os maiores elogios sobre a musica portugueza contemporanea. O professor Viana da Mota fez-se ouvir em várias composições de musicas portuguezas contemporaneas, executando ao piano um *Preludio* e *Fuga*, de Augusto Machado; *A Paixão*, de Oscar da Silva; dois *Preludios*, de Freitas Branco, e duas peças do conferente, *Adeus, minha terra* e *Balada*—a fim de apresentar alguns exemplos de compositores portuguezes.

O presidente da sessão, M. Prunieres, que visitou, durante a sua estada em Lisboa a Escola Nacional de Musica, teceu os maiores elogios á organização do nosso Conservatório, que classificou de modelar, salientando o facto de a sua frequencia mostrar a tendencia do nosso povo para a musica. A audição do mestre distintissimo que é o sr. Viana da Mota despertou um grande interesse na assistencia de intelectuaes e artistas que se reuniram na Sorbonne. E pormenor interessante: várias pessoas pediram-lhe com natural curiosidade que lhes indicasse algumas publicações de cantos populares portuguezes, que muito desejariam conhecer, para fazer um estudo comparativo com os dos outros paizes.

—Mas entre nós—disse-nos o professor Viana da Mota com mágua—está quási tudo por fazer nesse sentido.

O compositor Miguel Angelo, do Porto, tinha começado, há anos, a fazer uma publicação de cantos populares bem harmonizados, que foi obrigado a suspender ao sétimo fasciculo. O nosso paiz ainda não tinha ambiente artistico e musical para mais de sete fasciculos... Há uma grande obra a realizar, senhores compositores e musicólogos: recolher as canções que andam na bôca humilde do povo, harmonizá-las duma maneira correcta, e dá-las depois á estampa, em volumes ou fasciculos que levem a toda a parte uma nota do canto popular portuguez.

—Não são inteiramente desconhecidos lá fóra os musicólogos portuguezes antigos—diga-se de passagem. Quando o sr. Freitas Branco falou sobre os mestres portuguezes do seculo XV, os srs. Gastoné, Pirro e outros congressistas ilustres mostraram-se informados sobre a antiga musica portugueza. Seria de todo o ponto conveniente—fizeram eles sentir aos nossos delegados—que se publicassem essas obras antigas.

Sobre a importancia excepcional que revestiu este primeiro Congresso de História da Arte, realizado *après la guerre*, está dito quási tudo. Assistiram a ele cêrca de mil congressistas, tendo-se realizado lindas excursões ás catedraes de Chartres e de Reims e ao palácio de Chantilly. Várias casas particulares de Paris, que encerram obras de arte, que bem merecem uma visita—exemplo: Rotschild e Camondo—abriram as suas portas aos congressistas. E' interessante registar que o sr. Camondo tem um certo orgulho em ser de origem portugueza—disse-o ao professor Viana da Mota. Durandel, que possue a mais notável colecção de quadros francezes, abriu tambem as suas galerias aos artistas de todo o mundo. Assistiram ainda os nossos delegados a duas representações na Opera: a primeira, dedicada aos congressistas, com musica franceza, e a segunda com o *Ouro do Rheno*, dirigido duma maneira superior pelo maestro Chevillard. Houve tambem um concêrto magnifico na *Galeria dos Espelhos*, em Versailles. Em 1924—segundo ficou resolvido—haverá um novo Congresso, em Roma ou Bruxelas.

Reservámos para o final três novidades de grande interesse para os *virtuosi* da nossa terra. A primeira constitue uma gentileza da parte dos nossos amigos francezes, que não é mais do que o reconhecimento dos altos méritos do professor Viana da Mota:—o director ilustre da Escola Nacional de Musica foi convidado a tomar parte nos concêrtos do Conservatório de Paris, com a orquestra daquele estabelecimento de ensino, que é uma das mais antigas e mais célebres de todo o mundo. As outras duas interessam mais directamente o publico de Lisboa:—Madame Wanda Landowska, que se fez aplaudir em Versailles numa audição de cravo, virá a Portugal este ano—ainda não deu o sim definitivo—a fim de tocar na Sociedade de Concêrtos; M. Louis Fleury, que é hoje, talvez, o primeiro flautista do mundo, é possivel que tambem venha a Lisboa com um grupo de instrumentos de sôpro.

Trocaram-se ainda algumas palavras sobre o Congresso; agradecemos ao professor Viana da Mota a deferencia que teve para o *Diário de Lisboa*, confiando-lhe em primeira mão as suas impressões.

## A SEGURANÇA PUBLICA

## A SITUAÇÃO DA NOSSA POLICIA, EM PARALELO COM A SITUAÇÃO DA POLICIA FRANCESA

### O português J. Oliveira, ajudante do «dectetive» Charley, fala-nos sobre este assunto

**Um guarda civico, que ganha agora 3$28 diarios morre de fome**

A policia portuguesa... O leitor sabe como ela está deficientemente organizada, não é assim? Os protestos e as queixas sucedem-se desde tempos afastados e ainda não apareceu o reformador energico que integrasse a policia naquela missão que naturalmente lhe está confiada: a guarda e defesa dos haveres e vidas da população. Lá por fora existe mais e melhor. Neste, como noutros casos, forçoso se torna apelar para o exemplo de além-fronteira. Eis o que nos diz o ex-agente da policia de investigação, sr. J. Oliveira, já há muitos anos residente em Paris, onde exerce as funções de ajudante do *dectetive* Charley:

—A policia de Paris, ao contrario da de Lisboa, tem uma situação economica boa, para não dizer explendida. Quando as camaras aprovam algum credito a favor do funcionalismo, ela está acima de todos, sendo a primeira a ser beneficiada. A média diaria de um agente francês, e isto pondo de lado aqueles que, pelas suas excepcionais faculdades, são muito mais largamente estipendiados, é actualmente de 40 a 45 francos. Um pouco mais, perante as cotações cambiais, que os ordenados estipulados aos nossos ministros...

—Aqui, pelo contrario...

—Há dificuldades de toda a especie. Emquanto que um agente francês, com um só cartão, goza de uma autoridade quasi ilimitada, de tudo se podendo utilizar, o agente português a ser, de facto, um homem honesto, quando chega ao dia 5, já não tem dinheiro... Quantas vezes se tem deixado de prender um criminoso, por o representante da autoridade não ter *passe* nem dinheiro para se meter num electrico!

—E quando o têm, tarde e a más horas é indemnizado da despesa.

—Sim, aqui já há uns oito meses que não pagam os transportes, isto apesar de a cada agente concederem uma verba limitadissima para esse efeito: 12 escudos.

—A situação dos guardas civicos é bem peor, não é assim?

—Nem se discute. Esses homens lutam com as maiores dificuldades, não chegando eu mesmo a perceber como conseguem subsistir. Vamos a ver: suponhamos que um policia constitui familia e tem três filhos, e este é o caso da maioria. Elaboremos, agora, o orçamento diario minimo desse homem, um orçamento de criaturas que já passam fome: dois quilos de pão, 1$28; açucar, $30; café, $15; dois quilos de batatas, $80; duas couves, $50. Total, 3$03. Sabe o amigo, quanto ganha o guarda, diariamente?

—?...

—A *importante* quantia de 3$25, de que lhe ficam $22. E' com este saldo que ele e a familia pagam a casa, renovam o vestuario e o calçado, compram combustivel e temperos? Tudo isso é um grande ponto de interrogação, de que ignoro a resposta...

—Horrivel, a situação dêsses homens. Em tais condições, como podemos ter uma organização policial, constituida por gente que saiba o que faz?

—Claro. Do que temos, pouco presta. O regulamento exige aos agentes um exame em que evidenciem os conhecimentos necessarios; de alguns, sei eu, que nem ler sabem. Quere mais e melhor? De resto, estou convencido de que, a pagarem decentemente, facilmente constituiriamos um bom corpo de policia, aproveitando mesmo muitos dos elementos actuais.

—Sim, pelo menos trabalhariam com gôsto.

—Necessariamente. Sem gôsto, sem um interesse, ninguem dispende de bom grado actividade. Para bom trabalho, boa paga. Depois, é preciso civilizar um pouco mais o nosso povo, fazendo-lhe compreender o papel do policia. Aqui, tanto o cadastrado como aquele que nunca passou pelo governo civil, odeiam a autoridade. Em França, pelo contrario, só o *apache* diz mal dela. A gente séria, honesta, respeita-a a mais não poder ser. E' frequente, em Paris, entrarem as rusgas nos melhores cafés do *boulevard* dos Italianos. Zangam-se os frequentadores? Pelo contrario. Sempre é um processo de se libertarem dos bandidos, que sabem envergar uma sobrecasaca.

—Em conclusão...

—Considero a policia de Paris modelar. Quanto á nossa, uma miseria que bastante nos envergonha. Homens que quasi morrem á fome, não podem defender, com a energia e inteligencia necessarias, os haveres dos particulares.

# TEATROS

### Atraz do reposteiro

A companhia Palmira Bastos, actualmente no S. João, do Porto, deve estrear-se no Teatro Municipal, do Funchal, entre Dezembro e Janeiro proximos.

—O pirmeiro espectaculo da companhia Antonio de Macedo, no Coliseu dos Recreios (duas sessões), com o «Tic-tac», rendeu aproximadamente cinco mil escudos.

—Um grupo de jornalistas e homens de letras projectam a fundação de um jornal diario de teatros, á semelhança da «Comedia», com o fim de sanear o teatro português, livrando-o de certos arrivistas que, sem talento, pretendem impôr-se como grandes artistas, aptos a substituirem os velhos, dos quais nem para «alfaiates» serviriam.

—Parece que o deputado sr. Vasco Borges, posto ao corrente dos projectos e do programa actual do Teatro Nacional, pensa em desistir da ideia de uma interpelação ao ministro da instrução—a qual só visaria factos muito anteriores á actual administração—dispondo-se até a secundar os planos de remodelação, já mencionados n'«O Diario de Lisboa», do sr. Ginestal Machado.

—Vai organizar-se uma grande empresa para, na proxima primavera e verão seguinte, propôr á empresa proprietaria do Coliseu dos Recreios, a exploração de uma revista-monstro, colaborada por todos os revisteiros já consagrados e repiecta de mil fantasias e riquezas.

—Toda a parte artistica—que é muita—da peça «D. Afonso VI», a subir á scena no Nacional, está sendo dirida por Augusto Pina, que se propõe pô-la com a maxima riqueza.

—Volta a falar-se na exploração do Apolo, no proximo verão, por uma companhia dirigida por Jorge Grave, tendo como primeira figura feminina sua esposa, a actriz Irene Grave.

—Deve regressar hoje do Porto, no rapido, com sua esposa, o empresario sr. Luis Galhardo.

—Recortamos do nosso colega «A Manhã»:

«A noite passada, pelas 23 horas, o telefone retiniu. Acudimos rapidamente. E do lado de lá uma voz conhecida e amiga ciciou:

—Então já sabe?...

—??!!

—Sim... sim... Vai ser demitida...

—Não haverá então uma formula para que todos fiquem bem colocados nesse assunto?

O nosso interlocutor, apesar de não o «vermos» senão através o telefone, pareceu dar-nos a impressão de haver pulado.

—Como assim? preguntámos.

E logo o nosso amigo, sem cerimonias nem arrebiques de frase:

—Olhe...Quere saber o resto: a Lucinda é que é a unica culpada desta situação, porque saiu ha dois mesas do teatro e nunca mais disse «agua-vai»...

Mas o governo da Republica, que a agraciou ainda ha pouco, tem coragem, a tão curto praso, para «demitir» a velha e grande actriz?

—Ora... ora...

E o telefone emudeceu, emquanto nós nos propunhamos revelar o facto, em toda a sua singeleza, aos leitores de «A Manhã». Na sua breve eloquencia, o caso, em resumo, pode assim contar-se: Lucinda vai ser «demitida» como qualquer fiscal dos impostos, e o mais para diante se verá».

### Reclames

3. CALROS—Vai abrir por estes dias este teatro com a apresentação da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro que se estreia, esta epoca, com a peça «Jerusalem!» de George Rivolet, adaptada á scena portuguesa por Alfredo Cortês.

GIMNASIO—Apesar das enchentes, este teatro vai retirar de scena a famosa peça «A Labareda», repetindo-se hoje e despedindo-se ámanhã, domingo.

EDEN TEATRO—«Folha corrida» e «Rosa tirana» foram duas revistas de sucesso em Lisboa; pois é dos mesmos autores, Henrique Roldão e Roberto Gales, a fantasia «Pau de dois bicos», que em breve ali subirá á scena.

APOLO—Numa quadra em que tanto e tão intensamente precisamos de apelar para o patriotismo, lembrar ao publico que o «Gato por lebre» é a primeira peça portuguesa impõe-se, não só como réclamo, mas tambem como dever.

AVENIDA—Continua a carreira triunfal a bela opereta «Flores da Noite», justamente apreciada pelo publico como um autentico sucesso da companhia Satanela-Amarante.

**Ler na segunda-feira, a proposito da "reprise" de**

## "D. AFONSO VI"

**Entrevista com a veneranda e respeitavel Senhora, que foi esposa de D. João da Camara.**

## Agressão misteriosa

Quando se encontrava dormindo nas terras do Parque Eduardo VII foi ferido com um tiro no pé esquerdo, Antonio Marques, funileiro, que recolheu ao hospital de S. José. O ferido desconhece o agressor.

## O FUTURO DO NOSSO PATRIMONIO COLONIAL

# O AUMENTO DA CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA EM ANGOLA

## O CONSELHO DO GOVERNO E OS ORGANISMOS ECONOMICOS DA PROVINCIA RECONHECEM A SUA NECESSIDADE IMEDIATA—ENTRETANTO, PARECE QUE O GOVERNO DA METROPOLE LHE PÕE ENTRAVES

A escolha do sr. Norton de Matos para o cargo de Alto Comissario de Portugal em Angola não foi levianamente feita. Obedeceu a indicações de muitas pessoas sensatas e concordaram com ela os proprios adversarios politicos do inteligente organizador do Corpo Expedicionario Portuguès.

O sr. Norton de Matos tem dado, pela vida fora, provas irrefutaveis de talento e de patriotismo.

Vimo-lo trabalhar durante a preparação para a guerra e jámais pensamos que um homem pudesse desenvolver tanta energia, tanta actividade, que levasse de vencida aqueles fracos de animo que passavam o tempo a contrariar a sua acção. No seu gabinete de ministro, o sr. Norton de Matos tudo vencia, sem um desanimo, sem um desfalecimento, sem uma fraqueza que, aliás, seria desculpavel ao cabo, de dias, semanas e meses de trabalho tão intensivo.

Foi sempre o mesmo trabalhador intensissimo e quem o procurasse, fosse a que hora fosse, encontrava-o trabalhando pela honra e pelo prestigio da nossa Patria.

Quando os vai-vens politicos o colocaram na contingencia de abandonar o paiz, dirigiu-se para a Inglaterra e uma vez naquela nação trabalhou com ardor para refazer a sua vida sacrificada pelos odios adversarios, só repousando, porventura, para escrever a amigos manifestando a sua grande alma de portuguès e de republicano.

O sr. Norton de Matos, nomeado Alto Comissario em Angola, é a garantia, pelo prestigio do seu nome e do seu passado, de que a rica possessão há de progredir no mais curto prazo de tempo possivel.

Era necessario libertar uma das primeiras potencias coloniais do mundo, como é Portugal, das garras de uma burocracia egoista e debochada que pairava por Africa desejosa de fazer fortuna, sem nenhum amor patrio, limitando-se a explorar ao mesmo tempo pretos e brancos, com o criterio inferior de quem se julga super-homem perante desgraçados.

O sr. Norton de Matos entendeu precisamente ao contrario, felizmente para os nossos creditos de nação civilizadora. S. Ex.ª não se prestou a ir para a Africa domesticar selvagens, mas antes administrar com todo o criterio, zêlo, actividade e independencia a porventura mais rica e prometedora colonia portuguesa.

### Um discurso — Programa que está sendo rigorosamente cumprido

Tem procurado o sr. Norton de Matos organizar as finanças num trabalho intensissimo que a ninguem pode esquecer:

Tem procurado desenvolver a colonia por meio da imigração inteligente, de elementos uteis, que não a sacrifiquem, antes contribuam para o seu desenvolvimento;

Tem procurado expandir as relações comerciais da colonia;

Tem remodelado com justiça o quadro do seu funcionalismo;

Tem desenvolvido as suas riquezas de forma a engrandecer o territorio que lhe foi confiado em nome da nação para administrar superiormente.

Nessa vastissima obra de poucos meses tem o sr. general Norton de Matos, insensivel ás lisonjas e superior ás calunias, cumprido honradamente quanto disse no seu discurso de posse. Não se pode ser mais claro nas palavras proferidas, nem mais exacto no cumprimento das idéas que se promete realizar.

De factos e não de palavras tem sido a administração do sr. general Norton de Matos, em Angola.

O seu discurso foi bem claro e bom é que o releiam quantos julgam a administração colonial um simples *sport*. Publicamos a seguir um extracto:

«Apesar de ter embarcado a primeira vez, para o ultramar, há 22 anos, passou três em Angola, ali se dedicando a estudar colonias. Está certo de que lá encontrará muitas coisas que por completo desconhece, pois que em Africa estão sempre a surgir coisas novas. E' difícil a distancia, realizar planos detalhados de administração. Para o fazer é indispensavel respirar a atmosfera da colonia, sentir o estado de espirito dos seus habitantes, palpar a actividade do seu comercio e da sua industria. Só assim, com segurança, é possivel tomar medidas que produzam os necessarios efeitos. Algo tem, porém, que fazer na metropole antes da sua partida. Primeiramente, na escolha de funcionarios procurará cercar-se de uma «élite», sem a qual nada conseguirá da sua propria acção. Ocupar-se-ha da carta organica da colonia, das restrições de poderes, tendo sempre em atenção a opinião publica.

Na organização administrativa agirá de maneira a evitar a debandada dos funcionarios publicos em Angola, afirmando, por um lado, a necessidade de pagar bem a todos e especialmente ao funcionalismo colonial, por outro lado, a necessidade de restringir-lhe o numero. Isto posto, a obra de fomento será um pouco lenta, uma vez que os seus esforços e os dos seus auxiliares, no sentido de fazer progredir a colonia, resultarão nulos se não se assentar numa perfeita organização administrativa, ou, se não tiverem por executores funcionarios competentes, trabalhadores, com grande honestidade profissional e de impecavel honestidade moral, em estudos que não estão feitos. Trabalhará no proposito de prolongar os caminhos de ferro existentes, aquisição de material circulante para novos caminhos de ferro e no estabelecimento de portos para a marinha mercante.

Pensa em realizar um pequeno emprestimo a fim de regularizar a situação deficitaria da provincia, e, para mais tarde, um outro de maior importancia, em series sucessivas, a realizar-se totalmente dentro de 5 anos, que virá a ser o emprestimo de fomento. Levará a efeito medidas de protecção e civilização dos indigenas; a proposito disso, falando o sr. Norton de Matos na campanha que em Inglaterra de novo estava surgindo contra o sistema da mão de obra por nós adoptado, o que classifica de injusta e infame, pois, em alguns pontos, os nossos processos excedem os adoptados pelas outras potencias coloniais. Tem informações seguras de que essa campanha, antes da guerra, foi alimentada por ouro alemão com o fim de nos esbulharem das nossas colonias. E' do nosso dever cobrir com o maior despreso essa campanha. Ninguem pode evitar que se pratique, aqui ou ali, em tão vasta provincia, irregularidades ou crimes. O que é preciso, e isso se fará, é puni-los rigorosamente. Cumpre que o sistema da nossa administração em Angola dê lugar ao respeito e á admiração do mundo.

Para efectivação do seu programa conta com as iniciativas particulares, tendo já recomendado aos secretarios e chefes de serviços que empreguem esforços para manter as mais estreitas relações com os particulares da provincia, como sejam as associações comerciais, industriais ou agricolas, empresas ou companhias, missões de qualquer especie, todos os serviços, emfim, de iniciativa particular, na certeza de que o desenvolvimento da provincia tem de fazer-se não só pela acção dos serviços publicos, mas tambem daqueles outros, devidamente organizados e fiscalizados.

A nossa politica colonial, em materia de mão de obra indigena, exige a aplicação rigorosa de determinado numero de principios, e, nessa ordem de idéas, não permitirá que o indigena seja compelido a prestar serviço particular e só o fará quando o Estado tiver necessidade de realizar grandes obras de beneficio para a provincia, mas, ainda assim, pagando-se-lhe condignamente.

Inteligencia para administrar a vasta possessão ultramarina, espirito altruista para elevar e civilizar os indigenas, demonstrando assim o seu largo espirito republicano.»

### Uma obra importantissima que afinal não é apreciada como merece

Dizia ontem o nosso presado colega «A Patria»:

«O sr. ministro das Colonias convidou o Alto Comissario em Angola a vir á metropole, e por causa da questão da competencia para a realização do aumento de circulação fiduciaria e para a realização do emprestimo a que aqui há tempos aludimos, cujas bases publicamos. O sr. Norton de Matos respondeu que julgava inconveniente a sua saida de Angola neste momento, pois tenciona demorar-se pelo menos um ano na provincia e iniciar a realização do seu plano de fomento e particularmente das obras dos portos e caminhos de ferro.

A atitude do sr. ministro das Colonias proibindo a discussão na assembleia geral do Banco Ultramarino do projecto de aumento da circulação fiduciaria e do emprestimo que nele se inclue, sem dar prévio conhecimento do facto ao Alto Comissario, melindrou-o muito.

Nos meios coloniais a opinião dominante é que se procura descontentar o sr. Norton de Matos, impedindo-o de realizar as obras por ele e pela provincia reputadas essenciais para o desenvolvimento economico desta, a fim de o levar a pedir a sua demissão, em face da impossibilidade de cumprir o seu programa de fomento.»

Quere isto dizer que, a proposito do aumento da circulação fiduciaria, indispensavel á vida da provincia de Angola, se pretende fazer um criminoso obstrucionismo á obra do nosso Alto Comissario. Se o sr. Norton de Matos, justamente indignado, se encher de descontentamento e abandonar a empresa a que meteu ombros, quem tomará a responsabilidade do mal que todos nós venhamos a sofrer?

### Dois documentos que provam a necessidade do aumento da circulação fiduciaria em Angola

O telegrama seguinte, da Associação Comercial de Benguela, diz mais sobre o assunto do que um extenso artigo:

**A noticia de não ter sido permitido o alargamento da circulação fiduciaria de Angola, depois de tantos esforços empregados nesse sentido, para melhorar a situação dificil que estamos atravessando, devido á falta de numerario suficiente para as necessidades da economia da provincia, resultantes da desvalorização da moeda, em face do maior volume de negocios, provocou no distrito perturbações que tendem para um agravamento inevitavel.**

**Pedimos a v. ex.ª, a fim de prevenir tremendas dificuldades e consequencias desastrosas que poderão resultar da prolongação deste estado de coisas, que empregue todos os esforços no sentido de a proposta do Alto Comissario, que apoiamos, ser efectivada, permitindo o governo da metropole a rapida ultimação do contrato que estava sendo realizado com o Banco Ultramarino.—Associação Comercial.**

E como não haviam as corporações representativas de Angola de reclamar junto do governo sobre o aumento da circulação fiduciaria, pelo qual o Alto Comissario tem instado, se essa medida é urgente, conforme reconheceu o conselho do governo de Angola?

E' desse conselho a seguinte significativa moção:

**«O conselho do governo, ouvida com toda a atenção a exposição de s. ex.ª o Alto Comissario da Republica: Considerando e interpretando as leis organicas coloniais em vigor, depois da discussão havida sobre elas e especialmente sobre as faculdades legais do regime de Altos Comissariados; ponderando que o desenvolvimento economico e social da colonia exige e impõe a execução do vasto plano de administração concebido e já iniciado pelo Alto Comissario e perfeitamente adaptado ás necessidades actuais e ás possibilidades do desenvolvimento do seu futuro; considera dentro da lei toda a orientação de s. ex.ª o Alto Comissario em materia economica e financeira e designadamente sobre emprestimos, regime monetario e circulação fiduciaria e reconhece indispensavel a sua execução integral e imediata para o prosseguimento das obras de fomento e colonização empreendidas e a empreender, outrosim afirma e respeitosamente pondera á alta consideração do poder central que o contrario disto representa a ruina da provincia e do seu credito e a falencia do regime descentralizador que é lei do país, declarando-se desde já absolutamente estranho a essas consequencias e que não tem com esta manifestação outro intuito que não seja meter-se exclusivamente dentro de um patriotico objectivo de administração; neste sentido o conselho do governo, reunido para este fim, em nome da colonia, pede ao governo da Republica uma solução rapida dos assuntos tratados sobre esta materia nos telegramas de s. ex.ª o Alto Comissario, conforme com este voto e com os elevados interesses da provincia.»**

Porque se está adiando a realização duma medida indispensavel á prosperidade da provincia, proposta pelo Alto Comissario com a aprovação do Conselho do governo e o aplauso de todas as forças interessadas?

Porque é, infelizmente, sistema em Portugal hostilizar quem trabalha pelo seu engrandecimento, gastando o melhor da sua energia e do seu cerebro a preparar-lhe um futuro desafogado.


**Banco Nacional Agricola**

SOC. AN. DE RESP. L.DA

**Séde — Rua de S. Julião, 188 a 198 — LISBOA**

Nos termos dos artigos 8.º e 12.º dos Estatutos do Banco são os Srs. Accionistas convidados a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de Outubro corrente.

As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados ou nos nossos correspondentes na provincia.

LISBOA / EVORA — Banco Nacional Agricola

LISBOA / PORTO / CHAVES — Pinto & Sotto Mayor

Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Julio Correia de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

# NO ESTRANGEIRO

## DIZEM-NOS — DE — ROMA:

### que a Rainha Milona, do Montenegro, dissolveu o seu governo em virtude de lhe ter reconhecido inoportunidade

ROMA, 15

**O governo de Montenegro, que se encontrava nesta cidade, deixou de existir. A rainha Milona reconheceu a inoportunidade de qualificar com o nome de governo algumas pessoas reunidas á sua volta e cujo poder era um simulacro. O ministerio foi portanto dissolvido com um decreto e as pessoas que o compõem cessam de gosar de privilegios diplomaticos, e de imunidades que gosavam até agora. (U. P.)**

### A assinatura do protocolo relativo á Burgenland

As delegações austriaca e hungara depois de assinarem em Veneza o protocolo relativo á Burgenland, regressaram respectivamente a Viena e Budapest. O chanceler austriaco dirigiu ao marquez De la Torreta, ministro dos Negócios Estrangeiros e principal autor dos resultados da conferencia, um telegrama exprimindo-lhe a sua gratidão e do povo austriaco, pela obra de conciliação por ele executada. —(R.)

### Gabriel D'Annunzio discursará na cerimonia ao soldado desconhecido

Comunicam que Gabriel D'Annunzio estará em Roma no dia 4 de Novembro, e que assistirá á cerimónia em honra do soldado desconhecido, aproveitando a ocasião para pronunciar um discurso, no monumento dedicado a Victor Manuel.—(U. P.)

### O acordo franco-alemão de Loucheur-Rathanau

A comissão internacional de reparações examinará, brevemente, o acôrdo franco-alemão de Loucheur-Rathenau, introduzindo provavelmente algumas modificações a favor das outras nações aliadas. —(R.)

### A solução dos problemas de Fiume

O sr. Zanelle virá brevemente a Roma, por comissão do governo de Fiume, para conferenciar com o governo italiano acêrca da solução dos problemas de Fiume, de acôrdo com a Itália.—(R.)

### A delegação italiana á conferencia de Washington

A delegação italiana á conferencia de Washington será composta do senador Schanzer, o senador Albertini e provavelmente o sr. Rada, bem como o embaixador italiano em Washington.—(R.)

## NA RUSSIA

### 282 incendios nos bosques de nove distritos

HELSINGFORS, 15.

Uma estatistica oficial de Moscow indica que se registaram ultimamente mais de duzentos e oitenta e dois casos de incendio de bosques em nove distritos. O jornal «Izvestia» assevera com toda a seriedade que estes incendios são devidos ás manobras dos agentes da burguezia franceza.—(U. P.)

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

## AINDA A CATASTROFE DE OPPAU

# E' COMPLETAMENTE DESCONHECIDA A REACÇÃO QUIMICA QUE PROVOCOU O DESASTRE NA FABRICA BADISCHE

### O sulfato de amoniaco será provavelmente substituido pelo nitrato de sodio

## O PREJUIZO PARA A AGRICULTURA

Os jornaes de Francfort dizem que a direcção da Badische Anilin, convidou os representantes da imprensa a comparecerem no local do desastre. Ahi, o professor Bosch, director geral, explicou que o desastre teve duas explosões.

A primeira foi mais fraca e deu-se no depósito de sulfato de amoniaco. O que então se passou não se sabe, nem nunca se saberá provavelmente, pois morreram as testemunhas do acontecido.

A segunda deu-se nos silos. Foi esta ultima que provocou as terriveis destruições. A causa? E' ainda um enigma. O que é certo—está agora provado—é que o sulfato de amoniaco torna-se explosivo em certas condições. Em que condições? Misterio.

No que diz respeito á extensão dos estragos, o professor Bosch disse que os laboratórios dos saes amoniacaes estão completamente destruidos, assim como o depósito onde se produziu a segunda explosão e os dois armazens adjacentes. Os outros laboratórios sofreram prejuizos mais ou menos importantes. Quanto aos aparelhos, nada sofreram. Uma vez reparadas as construções, as janelas, os vidros, as portas, poder-se há pôr a fábrica a trabalhar. Mas o peor é a destruição dos gazómetros.

Uma questão muito importante é a de saber quaes as medidas que a direcção da Badische deve tomar em seguida a este desastre. A primeira pregunta que surge é se a Badische continuará a fabricar um produto que se mostrou tão perigoso. E' preciso não contar unicamente com os perigos que faz correr á fábrica: há tambem os perigos que faz correr á agricultura, que o emprega como adubo e o guarda nos celeiros em duvidosas condições de segurança. Parece, pois, que será preciso encontrar um outro produto que não venha a explodir em virtude de causas desconhecidas.

Não restam duvidas de que os inventores e os engenheiros ignoravam completamente os desastres que podia causar a fabricação do sulfato de amoniaco. Nunca veiu ao pensamento daqueles homens que arriscam os maiores perigos, porque tinham tentado fazê-lo explodir, com os explosivos mais poderosos, como o trinitrosoluol.

Qual é o produto que irá substituir o sulfato de amoniaco? Ainda nenhuma decisão foi tomada a tal respeito. E' certo, entretanto, que outra importancia terá de aqui para o futuro a fabricação deste sulfato. A fabricação do nitrato de sódio será, talvez, considerada tão importante como a dele para a agricultura.

Para a fabricação do nitrato de sódio, será necessário ter sódio, o que tornará necessária uma modificação completa nas instalações. «Em todo o caso, que aquele que visitar o campo da catástrofe tenha a certeza de que uma industria nova hade sair destas ruinas», disse textualmente o director Bosch.

As instalações da outra grande fábrica irmã, da Merzeburg Oppau, não serão transformadas, porque ela produz o amoniaco, inofensivo. Uma parte deste amoniaco é utilizado pela Wolfenér Anilin Fabrik, que fabrica com ele nitratos de amoniaco, que não oferecem já a mesma segurança do amoniaco.

Uma outra perda que resulta da catástrofe, é a destruição das instalações para a fabricação sintetica das uréas e dos uratos, de grande consumo nas tinturarias de algodão e lã.

Muita gente hade preguntar como é que se podiam acumular taes «stocks» de produtos quimicos em tão pouco espaço. Isto explica-se porque a venda destes produtos realiza-se em Junho e Julho. Neste curto espaço de tempo saem da fábrica incalculaveis «stocks» de mercadorias; o resto do ano é empregado a acumulá-los. E' preciso que os depósitos sejam bastante grandes para conterem 3/3 da produção anual. Ora a fábrica de Oppau produzia 100:000 toneladas de azote por ano e a Leuna Weske, a fábrica de Merzeburg-Oppau, 200:000 toneladas.

Vê-se por estes numeros qual é a quantidade de adubos que vão faltar este ano á agricultura, a qual não poderá deixar de se ressentir enormemente dessa falta.


CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer(Merthyr Smokeless)"

CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS

SEMPRE EM ARMAZEM

Portuguese Corporation of Commerce Ltd. | Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 Londres—56, Ludgate Hill

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores

n'A COMERCIAL
18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)
TELEFONE C. 3:992


## DIZEM-NOS — DE — PARIS:

### que o Parlamento abre terça-feira e que estão marcadas mais de 40 interpelações sobre os mais variados assuntos

PARIS, 15.

Na próxima terça-feira abrir-se-há a sessão extraordinária das Camaras. Esta sessão, cujo termo está marcado para o fim do ano de 1921, será muito importante, atendendo ao numero e gravidade das questões que os representantes do país terão de examinar e resolver. As interpelações são numerosissimas, não inferiores a 40, mas nem todas oferecem um mesmo carácter de urgencia ou até, simplesmente, de interesse. Há interpelações sobre politica interna, politica geral, politica financeira, e, finalmente, sobre assuntos vários mas de ordem particular. Haverá concordancia, tanto por parte dos deputados como do governo, para dar prioridade ás interpelações de politica externa, e sendo necessário, poder-se-iam juntar as de politica geral, que prendem no mesmo grau a corte do gabinete, ficando, portanto, desde o principio, bem estabelecida a situação do governo.—(R.)

### A imprensa parisiense e a questão silesiana

PARIS, 15.

A imprensa constata que a solução adoptada em Genebra, com completa independencia perante todos os governos, justifica plenamente a tese sustentada pelo sr. Briand quando se tratou da questão silesiana na ultima reunião do conselho supremo.—(H.)

### Uma fabrica de lapidação de diamantes

PARIS, 15.

O ministro do Trabalho, sr. Daniel Vincent, assistiu ontem á inauguração em Versailles de uma fábrica destinada á lapidação de diamantes, que constitue a primeira no género instalada em França.—(R.)

### Inauguração de uma comuna destruida durante a guerra

PARIS, 15.

Celebra-se hoje a inauguração da aldeia de Elery sobre o Somme, a primeira Comuna completamente restaurada, e que fôra inteiramente destruida durante a guerra.—(R.)


Professor de Matematica e Fisica

Cursos superiores. Liceu, todas as classes
Informações na direcção dêste jornal

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO

Estando quasi completa a assignatura para as primeiras representações, a empresa resolveu abrir nova *assinatura* para as 7 primeiras

Recitas Elegantes

que se realisam ás terças-feiras com os seguintes originais portugueses em 1 acto: Na 1.ª—**A Prima Rosa quer casar**, farça de D. Maria Isabel Sousa Martins. Na 2.ª—**Novo d'Abril**, de D. Tereza Leitão de Barros, 1.º premio do concurso da *Capital*. Na 3.ª—**Corpo e alma**, de Alfredo Gameiro, 2.º premio. Na 4.ª—**O Degredado**, de Antonio Pinto de Almeida, 3.º premio. Na 5.ª—**Alma antiga**, de D. Maria Fernanda de Castro, 4.º premio. Na 6.ª—**Noite perdida**, de Henrique Roldão. Na 7.ª—Uma peça classica.

As peças serão precedidas de pequenas palestras e os espectaculos completados por peças de reportorio ou por partes de concerto.

A abertura do teatro realisa-se brevemente com a peça italiana **Mario e Maria**.

Bilhetes á venda para as primeiras representações.

45 ANOS DE TEATRO

# A ENTREVISTA COM O ACTOR JOSÉ RICARDO

(Continuação da 4.ª página)

der-se». Quando entrei em scena, com a lanterna a minha mão tremia, mas tremia *de verdad*.

Não sabia o que fazia, nem um pensamento no cerebro; as ideias fugiam.

E eu já não sei como fiz aquilo, mas estava mais ou menos alucinado ainda do que mandava a rubrica... O ouro a cantar nas minhas mãos, o rictus do pavor na face, e o corpo a tremer, a tremer todo... Quando o pano desceu, caí desmaiado. Não sei, não sei, como aquilo foi. O teatro veiu abaixo com palmas. Recordo-me só de um espectador que na varanda, quasi debruçado, gritava, delirando:

—Ai português! Era o Luís Pereira, que, está agora no Politeama.

—Nada, continuámos. Uma anecdota agora.

—Tenho muitas.

Contou-nos três. Uma ao acaso:

—Passou-se isto em Arcos de Val-de-Vez, num teatrinho de amadores. Tinha uma cançoneta para o fim do espectaculo.

Antes, entregara ao maestro uns compassos de musica para o acompanhamento. Disse as primeiras coplas, a musica em baixo, seguia-as. Depois, silencio.

E eu muito admirado: «então?» E nada, senhor, nada! «Então?» Silencio. «Está bem; não é preciso»— disse. E a copla foi até ao fim. Mandei chamar o maestro. O que ele me explicou! «Mas o sr. José Ricardo não disse do *outro lado*?» «E o que tem isso?» respondi-lhe. «Era um verso». Mas nós não entendemos isso. Virámos o papel da musica e não encontrámos compasso algum.

José Ricardo ri-se.

—Quere outra?

—Não! Como encara o teatro moderno?

—Faltam actores, faltam. Ninguem quere principiar, ninguem é discipulo. São todos mestres. Mas há quatro, dos novos... que vêem.

—São eles?

—O Alves da Cunha, o Robles Monteiro, o Rafael Marques e o Erico Braga.

—E mulheres?

—Das novas, a Rey Colaço, a Stichini. Há outras ainda...

Falou-se da vocação e de estudo no teatro.

A opinião de José Ricardo:

—Vamos tocar no Conservatorio. Um actor pode estudar muito, conhecer Manteiaza; Didenot, a psicologia das paixões, os ratados da emoção, mas, se não tiver fogo, chega ao palco e não faz nada. No Conservatorio existem cadeiras de tudo, mas falta uma: a de vocação. Antonio Pedro, quasi que não sabia fazer o seu nome; de psicologia nem a definição... Pois bem: duas palavras do ensaiador e era o bastante para ele agarrar no papel e dar-lhe altura, grandeza. Era a vocação, o fogo... Modernamente, falta a disciplina. Mas não é só no teatro, é em tudo. Olhe para a politica. Porque eu não sou republicano, nem monarquico, bem entendido. Apenas português! Dantes, nos tempos do Enes, do Fontes...

—Tem algum acontecimento ligado á monarquia?

—De teatro, não? O rei vinha ás minhas festas artisticas; era frequentador de teatros. Aqui, no D. Maria, no D. Amelia e no Gimnasio. Agora o Chefe de Estado nunca assiste a uma representação. Só em festas oficiais, em espectaculos de caridade.

— O José Ricardo está sempre alegre?

— Sempre. Só duma vez, ha muito tempo, tive uma noite de sofrimento, daquele sofrimento, todo coração. A' tarde tinha-me morrido uma filhita de meses e á noite, em scena, cabriolava e ria...

— O seu genero predilecto?

— A declamação. Menos trabalho, e mais arte. Estuda-se, ha a individualisação do tipo, a mascara...

— E para fechar, José Ricardo, em quantos espectaculos entrou?

— Não sei... Talvez—deixe vêr—uma media de duzentos por ano.

E José Ricardo, com a sua *morgue* de *grand seigneur*, monoculo faulhando já na orbita esquerda, os dedos vestidos de luz, repara então que não tinhamos tirado apontamentos.

— Mas é a primeira entrevista nesse genero que tenho.... E recorda-se de tudo?

**A. P.**

A' RODA DE UM CONTRATO

# PÓ DE CARVÃO

## COMO FOI FEITA A OFERTA--O GOVERNO NO CONHECIMENTO DA PROPOSTA--PREÇO, PRASO, QUALIDADE E TRANSPORTE--O QUE IRÁ AGORA SUCEDER?

## O sr. dr. Fernandes Costa é entrevistado pelo "Diario de Lisboa" e falam-nos tambem um senador e um ex-ministro

Esta página é apenas de informação. E pois que de informação, e não de critica ou doutrina pontifical aqui se trata, devemos dizer que o contracto do carvão, que alguma celeuma (e não afirmaremos que inutil ou extemporanea está levantando), foi fechado com o conhecimento do sr. ministro das Finanças e chefe do governo, ainda que não afirmemos que tenha sido levado a conselho de ministros. O governo, pois, póde dizer-se, conhecia a proposta.

E' mau? E' vantajoso o contracto? Até aqui ninguem apareceu a negar a ponderação e criterio que tenha presidido á aceitação da proposta, porque tambem até aqui ainda não estão conhecidos os termos da operação, se este nome se póde emprestar. A critica, tanta vez vestida de malevolencia, que a paixão politica anima, tem-se feito, pois, um pouco extemporaneamente. Mas o certo é que, na hipotese, que nós absolutamente aceitamos, do contracto ser util e feito em vantajosas condições, ainda fica por saber se havia o direito de o fechar, sem ter havido concurso, ou préviamente terem sido anunciadas condições, necessidades do Estado, e disposição do ministro de realizar um trabalho desta natureza. E' este o ponto, vendo as coisas por uma intenção honesta, em que se baseiam as duvidas de muita gente.

Qual o preço do carvão? Como será feito o pagamento? E o seu transporte? E a sua qualidade?

O *Diário de Lisboa*, informa:

Quanto a preço ele será o da cotação do mercado, na ocasião do carregamento. O pagamento será feito em letras do tesouro, com o prazo de 1 ano. Juro de 7 por cento, sem outro encargo. Qualidade Almirantado e Newport. Transporte em barcos do fornecedor, ou fretados pelo fornecedor.

O sr. dr. Fernandes Costa, ex-ministro do Comercio, e que foi quem assinou o contracto, recebeu hoje, já tarde, o nosso redactor, e disse:

—Tenho o maior prazer em dizer a este respeito tudo quanto há. Desejo primeiro, porém, falar com o sr. dr. António Granjo, presidente do ministerio.

Elucidamos—eram 13 e meia— que o sr. dr. António Granjo estava em conselho.

—Eu esclareço todas as duvidas. A questão é, de resto, simples, o mais simples possivel.

E diz, um pouco apressada mas ordenadamente:

—Um dia apareceu me no meu gabinete um inglez, que se fazia acompanhar de um interprete portuguez, que me fazia oferta de carvão. Ouvi-o. Disse-lhe «isso não é comigo, mas com o sr. ministro das Finanças». E filo acompanhar pelo meu secretário ao gabinete do sr. Vicente Ferreira. O sr. ministro das Finanças examinou as condições do preço, pagamento, juro e outras, e achou-as bem. «Vocês não deixem fugir da mão esse contracto, que é vantajoso»—disse-me pouco tempo depois o sr. Vicente Ferreira...

—E...

—E o inglez apareceu-me novamente. A questão financeira estava vista. A questão tecnica era com o meu ministerio. Mandei estudar essa questão e saber as quantidades necessarias. Vieram as respostas.

—Os tópicos da proposta?

Confirmou a nossa informação o ex-ministro, dizendo:

—Cotação do dia quanto a preço, prazo um ano, letras do tesouro, qualidade Almirantado e Newport, segundo as indicações tecnicas do ministerio. Quantidade até 20:000 toneladas por mez. A primeira quantidade seria fixada em 20 de Outubro e entregue até 20 de Novembro.

—Transporte?

—*Cif*, na proposta. Eu, porém, preferia *fob*. Disse o ao apresentante da proposta. Isto é: a proposta era para o carvão ser entregue aqui, em navios do fornecedor. Eu queria o carvão entregue em Cardiff, para ser transportado em barcos dos T. M. E. Mas...

—Ah! Houve objecção...

—Que não podia ser. Os nossos barcos não ofereciam garantia, quanto ao *roullement*, quanto á certeza de carregarem tanto e em tal prazo, e satisfazerem assim as exigencias das épocas das entregas. Infelizmente, pareceu-me certo. Ficou assente os barcos serem do fornecedor.

Confirma-se tambem o que sabiamos.

—E as quantidades?

—As quantidades necessárias para o Estado sobem a 36:000 toneladas mensaes. O proponente disse que não podia garantir senão 20:000, mas que faria todo o possivel para entregar até essa quantidade, o que ficou consignado no contracto.

—Quanto á seriedade da firma proponente?...

—Ewans & Reid, Limitada, é uma firma acreditada, sobre cuja honestidade não tenho duvidas, nem ninguem. Mas apezar disso certifiquei-me do seu bom nome, exigindo ao representante inglez documentos da sua idoneidade. Apareceu-me uma declaração consular. Não me serviu. Quiz mais. Atestou então a Legação Ingleza...

No gabinete do presidente da Junta de Credito Publico tinha entrado o conhecido industrial, sr. Alfredo da Silva, que a um lado fazia, discretamente, o possivel para não ouvir a conversação. A nós parecia-nos que o sr. dr. Fernandes Costa, porém, falava alto exactamente para ser ouvido.

Então, correctamente, como é sua maneira pessoal, o sr. Alfredo da Silva pede licença para dizer:

—Ewans & Reid são comerciantes do artigo carvão, uma firma acreditada em todo o mundo e respeitada. Em regra, os governos tratam com comerciantes que ninguem conhece e cuja autoridade é duvidosa. Ewans & Reid, não.

E confirmou:

—Estou á espera este mês de um carregamento comprado a essa firma.

O sr. dr. Fernandes Costa, retorna:

—E' a primeira vez que o Estado faz um contracto directamente com os fornecedores. Não há um intermediario. Houve um interprete para o inglês e foi tudo. Em regra, entre o Estado e o fornecedor fica uma grande distancia, na qual o ultimo vai espalhando dinheiro. Desta vez, não.

Em pé, entre o portal magestoso, e despedindo-se:

—Tenho prazer em dizer tudo. As minhas coisas são sempre ás claras. Sempre.

E tinha uma expressão não, percebemos se de orgulho, se de indignação.

Mas o que se dizia pela Arcada? Ah! O que se dizia. Entre nós, quando não há que dizer, ou se não sabe, diz-se mal, diz-se pelo menos tudo equivocamente. E há tambem opiniões sérias. Um senador, o sr. Julio Ribeiro, diz:

—Pois sim. Tudo estará bem. Mas, porque se não fez um concurso? Por vinte e quatro horas, ao menos.

Um ex-ministro, o sr. Brito Guimarães, ontem chegado a Lisboa, comenta:

—O que se fez, pode ter-se feito muito bem. Só cá é que há estas exigencias constantes de concursos, prévias publicidades sobre os assuntos, prejudicando tudo... e o Estado. Lá fora, não.

E o ex-ministro justifica:

—E' que lá fora parte-se do principio que os ministros são honestos. E ás vezes não são. E cá parte-se do principio oposto: de que os ministros são deshonestos, quasi como condição. E, felizmente, não é certo.

—«Em Portugal — disse-me uma vez o ministro de Espanha — a alta burocracia é a mais honesta de todo o mundo».

Que quere o leitor que lhe digamos mais e de corrida, como sempre? Que o sr. dr. Fernandes Costa vai pedir licença, ou fazer consulta, ao governo para publicar uma nota oficiosa ao paiz. Que o Conselho de Ministros reuniu ontem, e hoje, e reune ámanhã, e vai reunir muitas vezes. E que — e isto é que pode ser essencial — o contracto do carvão não tem a assinatura do sr. Vicente Ferreira, porque o contracto é Comercio e o sr. Vicente Ferreira é Finanças.

Mas vai ser anulado o acto do sr. Fernandes Costa? Vai o contracto do carvão ser reduzido a pó de carvão?

—O governo fará o que quizer. A um jornal, que eu saiba, foram ontem os negociantes do carvão, fornecedores do Estado, para começarem a protestar com comunicados pagos — disse o actual ministro de Portugal em Madrid.

E pronto. Pó de carvão é isto tudo.

A DANÇA DO PÃO...

## ENTRA EM VIGOR NA TERÇA FEIRA O TIPO UNICO

O conselho de ministros voltou hoje a reunir-se demoradamente na Secretaria do Interior. Além de outros assuntos, discutiu e aprovou o regulamento da nova lei cerealifera, em que é criado o tipo unico de pão. Esse diploma deve ser ainda hoje publicado em suplemento ao «Diario do Governo», entrando immediatamente em vigor. A venda do tipo unico começará na terça-feira. O sr. ministro das Finanças não assistiu á sessão do conselho, conservando-se na sua secretaria desde as primeiras horas da manhã a trabalhar em assunto da pasta.

### O Porto aplaude

O sr. ministro da Agricultura recebeu um telegrama das juntas de freguesia do Porto, reunidas em sessão conjunta, manifestando-lhe o seu aplauso pela criação do tipo unico de pão e pedindo o maximo rigor contra os falsificadores.

**TODOS**

os fumadores encontram as suas marcas predilectas na

**Tabacaria Serras**

## Espectaculos

S. LUIZ—A's 21—«Marido provisorio».
GIMNASIO—A's 21,30—«A Labareda».
AVENIDA—A's 21—"Flôres da Noite".
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
TEATRO GIL VICENTE—(á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«A Martir».
TEATRO DOS ANJOS—A's 21—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco», revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».

**Companhia Carris de Ferro de Lisboa**

A Direcção desta Companhia informa-nos de que resolveu adoptar todos os meios que as leis facultam para reprimir a propaganda de difamações e calumnias com que nos ultimos tempos tem sido agredida, designadamente pelo que respeita á má fé com que se afirma haver irregularidades na escrituração da Companhia, quando é certo que já duas comissões oficiais, compostas de tecnicos competentissimos e da maior honorabilidade, averiguaram por fórma indubitavel que essa escrituração é perfeita e completa, pois, no dizer dessas comissões, ela constata todas as receitas e todas as despesas da Companhia, achando-se tudo devidamente documentado, e excluindo a possibilidade de ser de qualquer modo transtornada a exactidão das respectivas operações, no proposito de diminuir o quantitativo dos rendimentos e de aumentar o dos encargos.